

QUAL O IMPACTO DA TAXA DE MORTALIDADE NAS MARGENS DO PISCICULTOR?

O crescimento da piscicultura no Brasil tem sido notável, destacando-se como um setor com elevado potencial de expansão que vem atravessando fronteiras e atingindo novos mercados a cada ano. Recentemente, o país viu um aumento significativo na produção de peixes, impulsionado por uma combinação de fatores como o aumento da demanda por proteína animal de qualidade, avanços tecnológicos e iniciativas de apoio ao setor.

Segundo recente levantamento divulgado pelo IBGE, a Pesquisa da Pecuária Municipal, em 2022 a produção aquícola nacional superou 617 mil toneladas, crescimento de 6,0% em relação ao ano anterior (gráfico 1). Desse volume produzido, 66,1% corresponde à produção de tilápias, sendo Paraná, São Paulo e Minas Gerais os estados com maior representatividade na produção.

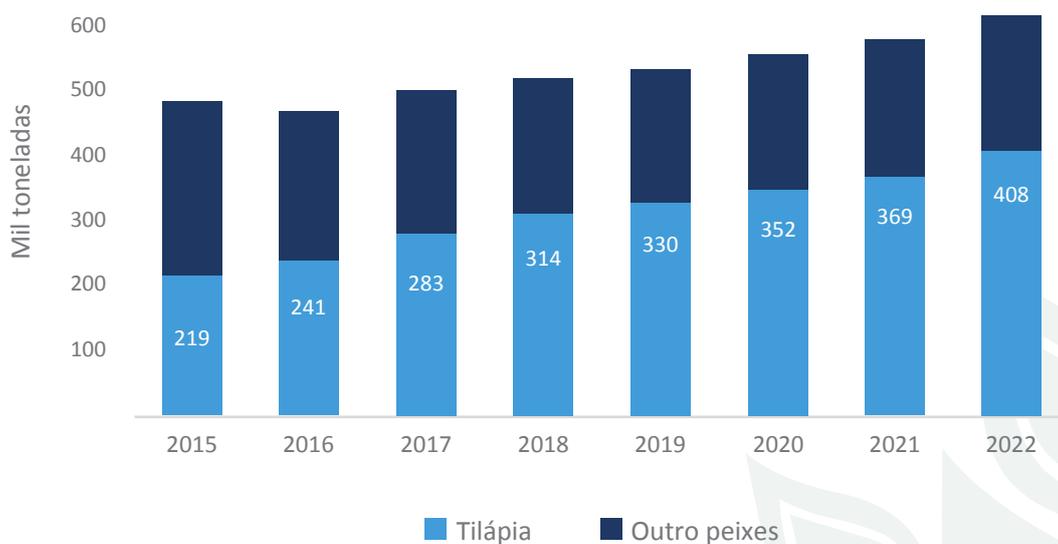


Gráfico 1: Evolução da produção da piscicultura brasileira.

Fonte: Pesquisa da Pecuária Municipal - IBGE

Na complexa cadeia da piscicultura, onde a eficiência técnica se configura como elemento crucial para o êxito da atividade, a taxa de mortalidade emerge como uma variável que não apenas reflete o aspecto operacional, mas exerce um impacto direto na eficiência econômica do empreendimento.

Altas taxas de mortalidade além de desencadear desequilíbrios no ecossistema aquático com consequências negativas para a produção e o meio ambiente, comprometem a receita ao término do ciclo devido à redução no volume produzido. Esse cenário, por sua vez, acarreta um adensamento dos custos, principalmente os fixos, o que compromete substancialmente as margens da atividade.

Com base na cartilha elaborada pelo Senar, "[Psicultura: manejo sanitário](#)" taxas de mortalidade em torno de 10%, considerando todo o ciclo produtivo, da fase de alevinos à idade de abate, são aceitáveis. Quando esse valor é ultrapassado análises precisam ser feitas para o diagnóstico da causa da elevada mortalidade e medidas cabíveis devem ser tomadas.

Nesse contexto, a fim de analisar o impacto da taxa de mortalidade nos custos e conse-

quentemente, nas margens da atividade, simulamos o comportamento baseado em dois cenários distintos. O primeiro com a taxa de mortalidade igual a 25% e o segundo com a taxa de 10%.

A comparação foi conduzida com base nos dados obtidos no painel de tilapicultura realizado em Minas Gerais pelo Projeto Campo Futuro (CNA/Senar) em 2023. No contexto desse painel, o cenário analisado corresponde a uma propriedade com uma área de 2 hectares destinada à piscicultura, sendo esta conduzida em tanques rede. Nessa piscicultura, a produção final, ao longo de um ciclo de 230 dias, atingiu 23 toneladas.

Vale ressaltar que, em todas as simulações, o preço de venda do quilo da tilápia e os custos inerentes à atividade foram mantidos. Os resultados das simulações evidenciam o percentual que as margens representam em relação à receita proveniente da comercialização dos peixes (gráfico 2).

Na simulação consideramos uma taxa de mortalidade igual a 25%. Considerando um povoamento de 27 mil alevinos, por exemplo, ao final do ciclo produtivo teríamos disponível para a comercialização apenas 20,2 mil peixes.

Nesse contexto, a receita proveniente das vendas dos peixes seria suficiente para cobrir apenas os desembolsos diretos, revelando-se insuficiente para suprir os custos relacionados à depreciação das máquinas e benfeitorias e o pró-labore do piscicultor.

Do ponto de vista econômico, concluímos que essa atividade apresentaria viabilidade apenas em curto prazo. No caso de persistência desse cenário de margem líquida negativa, a sustentabilidade financeira da atividade seria comprometida.

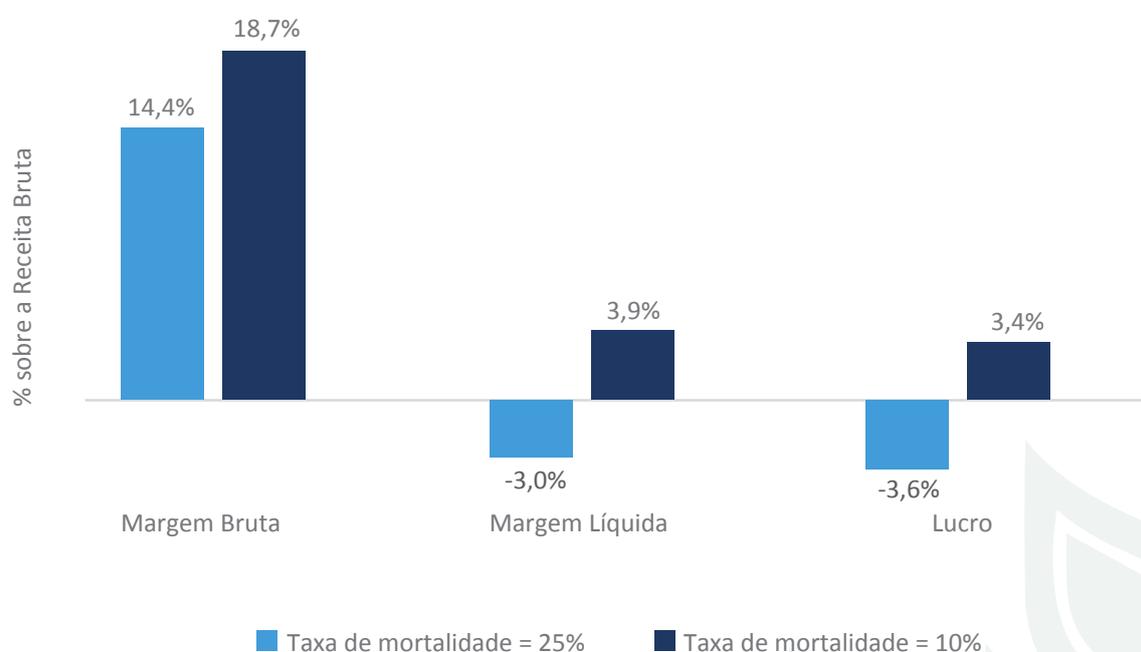


Gráfico 2: Impacto da Taxa de Mortalidade nas margens dos piscicultores. Dados em porcentagem sobre a receita obtida com a comercialização dos peixes.

Fonte: Projeto Campo Futuro (CNA/Senar)

Na segunda simulação, ao adotarmos uma taxa de mortalidade considerada normal para pisciculturas, de 10%, observamos um cenário significativamente diferente. Com uma produção final de 24,3 mil peixes, mantendo inalterada a quantidade de alevinos alojados na simulação anterior, teríamos como resultado, margens positivas. Em outras palavras, a receita proveniente da venda desses animais seria suficiente para cobrir integralmente todos os custos, tanto os fixos quanto as variáveis, conferindo à atividade a atratividade econômica.

No cenário analisado a redução brusca na taxa de mortalidade promoveria um acréscimo de 29,8% na Margem Bruta, que representa o quanto o produtor consegue observar ao final do ciclo que a atividade lhe retornou financeiramente.

Diante disso, a busca pela redução da taxa de mortalidade, a partir de manejos produtivos adequados, utilização de insumos de

qualidade e monitoramento dos parâmetros de qualidade de água emerge como um fator crucial para o sucesso e a prosperidade da piscicultura.

Além das vantagens econômicas, a redução da taxa de mortalidade contribui para fortalecer a reputação da piscicultura no mercado. Em um cenário no qual os consumidores estão cada vez mais atentos à origem e às práticas de produção dos alimentos que consomem, um histórico de baixa taxa de mortalidade não apenas indica eficiência operacional, mas também ressalta o compromisso do produtor com a qualidade e a sustentabilidade.

Gostou da análise? Quer saber mais? Acesse às cartilhas orientativas do Senar, que vão desde o processo de construção e fertilização de viveiros, à despesca dos peixes, acesse os materiais no site. [Clique aqui.](#)